

Pentecostalismo, migrações internas e redes sociais de apoio na periferia de São Paulo

Maxwell Pinheiro Fajardo

Resumo:

Neste texto pretendemos trabalhar as relações entre migração, redes sociais de apoio e pentecostalismo tendo como campo de pesquisa o bairro paulistano de Perus, um dos distritos com maior concentração pentecostal na cidade de São Paulo e que também apresenta significativa população migrante, já que abrigou a primeira fábrica de cimento do país, a Cia de Cimento Portland Perus, que arregimentou milhares de trabalhadores migrantes entre as décadas de 1920 e 1980.

Palavras-chave: Pentecostalismo – migração - periferia

Abstract:

In this paper we intend to study the relationship between migration, social support networks and Pentecostalism as a research field with the São Paulo neighborhood of Perus, one of the districts with the highest concentration Pentecostal in São Paulo and also has a significant migrant population, which already housed the first cement factory in the country, The Cia de Cimento Portland Perus, who rallied thousands of migrant workers between 1920 and 1980.

Keywords: Pentecostalism - Migration - periphery

Introdução:

Perus, distrito situado na região noroeste da capital paulistana conta com cerca de 70 mil habitantes segundo dados do Censo 2000. O bairro enfrenta grandes dificuldades de infra-estrutura, o que se comprova por levantamento da Secretaria do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade do Município de São Paulo que, ao analisar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de cada um dos 96 distritos da cidade, coloca Perus na 81ª posição. Segundo amostra do último Censo, 20,9% da população

peruense declara-se pentecostal. O índice é bastante alto quando comparado com a média de pentecostais na cidade de São Paulo, calculado em 11,9%.

Segundo a Pesquisa *Economia das Religiões*¹, desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas, Perus é o terceiro distrito com maior número de pentecostais em São Paulo, perdendo apenas para Lajeado e Cidade Tiradentes. Dos dez primeiros distritos do ranking, Perus é o único não situado na Zona Leste, região amplamente conhecida pela importante presença de moradores de baixa renda.

Perus ganha destaque em número de fiéis pentecostais não apenas quando é comparado com as estatísticas dos bairros centrais, mas até mesmo entre os distritos e municípios vizinhos. Nenhum dos distritos ou municípios próximos a Perus apresenta índices de presença pentecostal maior que 18%. Em Anhanguera, distrito pertencente à jurisdição da subprefeitura de Perus, os pentecostais não chegam aos 14%. Desta forma, Perus apresenta um diferencial em sua composição religiosa, mesmo entre os distritos vizinhos da periferia de São Paulo.

Perfil histórico do bairro

A migração sempre foi um fenômeno presente na história do bairro de Perus, principalmente a partir da inauguração da *Cia de Cimento Portland Perus*, criada em 1926 por um grupo de brasileiros associados a empresários canadenses. Esta fábrica foi pioneira do ramo no país e trouxe novo fôlego à região. Os primeiros anos de migração foram responsáveis pela chegada da mão-de-obra europeia². Segundo Chaves (2005), foram catalogados apenas quatro trabalhadores estrangeiros não europeus. Com o tempo, porém, o fluxo migratório foi se nacionalizando, abrigando principalmente trabalhadores da região sudeste do país. O reflexo da presença estrangeira no bairro aparece na criação da Vila Hungareza, cujo nome faz referência a seus primeiros moradores, genericamente chamados de “húngaros” ou, na linguagem popular local “hungarezes”.

¹ http://www4.fgv.br/cps/simulador/site_religioes2/

² Passaram pela fábrica trabalhadores dos seguintes países europeus: Alemanha, Áustria, Espanha, Estônia, França, Hungria, Inglaterra, Irlanda, Itália, Iugoslávia, Lituânia, Noruega, Polônia, Romênia, Suíça, Rússia e Tchecoslováquia. Somados, os trabalhadores destes países eram em número de 144, já o número de empregados nascidos em Portugal era de 139 pessoas. Os quatro trabalhadores não-europeus provinham da Argentina, Estados Unidos e Austrália (Cf. Chaves, 2005: 113)

As fichas catalográficas dos trabalhadores registrados na fábrica entre os anos de 1925 e 1947 apontam que o número de estrangeiros que chegou ao bairro para trabalhar foi de 308 pessoas (20,6%), enquanto o de migrantes nacionais foi de 1190 pessoas (79,4%). Dos trabalhadores nacionais, 70% (839 pessoas) provinham do interior do estado de São Paulo e 18,7% (223 pessoas) do estado de Minas Gerais, ficando os 11,3% restantes fragmentados entre 16 outros estados³ da federação (CHAVES, 2005).

Assim, o primeiro grande fluxo migratório nacional no bairro constituiu-se de trabalhadores da própria região sudeste, e que assim, não percorreram grandes distâncias para ali se estabelecerem.

A igreja Católica e a Igreja Presbiteriana inauguram seus espaços no bairro praticamente juntas, em 1940, construindo seus templos a uma distância bastante próxima uma da outra (SIQUEIRA, 2001). As primeiras referências aos pentecostais são de 1947, quando empregados da fábrica, provenientes do interior do estado, passam a realizar cultos em suas casas, fundando a igreja Assembléia de Deus no bairro.

A partir da década de 1970, com o declínio da produção de cimento e posterior fechamento da fábrica, Perus insere-se de maneira mais evidente no fenômeno da migração pendular, onde os migrantes deslocam-se diariamente em consideráveis distâncias entre casa-trabalho. A diminuição da oferta de emprego na indústria peruense transforma Perus em um bairro-dormitório. Neste mesmo período, a migração nordestina alcança seu auge em São Paulo, e Perus não está desconectado deste circuito.

Na década de 1980, outra importante vila passa a desenvolver-se em Perus. Um projeto da prefeita Luiza Erundina prevê a aquisição de lotes para famílias carentes na região do bairro conhecida a partir de então como Recanto dos Humildes. Sem amparo da administração posterior (Paulo Maluf), a vila passa a crescer desordenadamente e hoje é detentora dos piores índices socioeconômicos do bairro. A ocupação da área fez surgir, além do Recanto dos Humildes, o Recanto do Paraíso e, no ano 2000, o Jardim da Paz, às margens do então recém construído Rodoanel Mario Covas. Atualmente, o Jardim da Paz é a vila onde se verifica menor presença do Estado. Juntas, as três vilas, somadas ao Jardim da Conquista, conjunto residencial criado pela Prefeitura e localizado atrás do Recanto dos Humildes, mas com realidade social semelhante,

³ Com o seguinte número de trabalhadores por estado: Alagoas:10; Bahia: 28; Espírito Santo: 1; Goiás: 1; Maranhão: 1; Mato Grosso: 1; Pará: 1; Paraíba: 5; Pernambuco: 16; Piauí: 1; Paraná: 4; Rio de Janeiro: 42; Rio Grande do Norte: 1; Rio Grande do Sul: 2; Santa Catarina: 1 e Sergipe: 2. (Cf. Chaves 2005: 122).

somavam, segundo o Censo 2000, 17.424 habitantes, cerca de 30% da população de Perus. Estas quatro vilas são genericamente chamadas de *Recanto* pela população do bairro e hoje é detentora dos menores índices socioeconômicos de Perus. Assim, o Recanto pode ser considerado uma periferia dentro da periferia, pois é uma região segregada em relação às demais vilas de Perus.

O projeto inicial do Recanto dos Humildes consistia no deslocamento de famílias provenientes de áreas de risco do próprio bairro e de outras regiões de São Paulo para o seu território. Diversos moradores de Perus conseguiram sair do aluguel quando adquiriram uma casa no Recanto. As vilas que formam o complexo apresentam os maiores índices de circulação de migrantes no bairro. Os microdados do Censo 2000 apontam em 13,13% o número de não nascidos no estado de São Paulo e que residiam no bairro de Perus há menos de dez anos. Quando trabalhamos apenas com os dados do Recanto este número sobe para 31,41%. Isolando-a do Recanto, a região consolidada apresenta um índice mais que quatro vezes menor (7,08%). Como a pergunta do Censo é referente aos oriundos de outros estados, este percentual não contempla os migrantes intra-municipais e nem mesmo aqueles provenientes do interior do estado ou de outros municípios da RMSP.

Pentecostais e migração

O pentecostalismo brasileiro tem uma relação histórica bastante estreita com os movimentos migratórios brasileiros do século XX. As duas primeiras denominações pentecostais do país foram fundadas por migrantes estrangeiros. No primeiro caso, o italiano Luigi Francescon criou a Congregação Cristã no Brasil no município de Santo Antonio da Platina, no Paraná em 1910. Um ano depois foi a vez dos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, recém chegados dos Estados Unidos, criarem a Missão da Fé Apostólica (posteriormente Assembléia de Deus) em Belém do Pará. A Igreja do Evangelho Quadrangular também nasceu da ação imigrante, já que em 1954 o *ex-cowboy* de cinema Harold Williams criou a *Cruzada Nacional de Evangelização*, que no ano seguinte receberia a atual denominação (FRESTON, 1994)

A AD, que nasceu no norte do país se expandiu em princípio para o nordeste brasileiro. Com o fim do ciclo da borracha, seringueiros nordestinos que conheceram a mensagem pentecostal no Pará retornam as suas terras de origem onde criam pequenos

núcleos, muitos dos quais se transformariam em igrejas (ALENCAR, 2010). Rolim (1979) chama este modelo de “nucleação”.

Fenômeno semelhante se repetiu quando trabalhadores do Nordeste mudaram-se para o sudeste do país trazendo consigo sua religião. No caso da Congregação Cristã do Brasil, que surgiu no sudeste do país, portanto rota contrária ao maior fluxo de saída de migrantes do país, os membros percorreram distâncias menores em seus deslocamentos (FOERSTER, 2009). Apesar das diferenças, a migração foi um importante fator para o crescimento dos dois grupos:

...o fluxo migratório das regiões onde a Congregação Cristã recruta majoritariamente seus membros (sul e sudeste; mas também no centro-oeste mais que a Assembléia) teve redução mais forte que o fluxo migratório do Nordeste, de onde a Assembléia de Deus recruta com mais força os seus membros. Pode-se dizer: a expansão da Congregação Cristã é mais modesta, porque a migração dos Estados de onde veio tradicionalmente a maioria de seus membros migrantes arrefeceu muito. A Assembléia de Deus continua crescendo vigorosamente, porque o fluxo migratório do Nordeste diminuiu, mas em escala bem menor. O crescimento destas igrejas não seria, portanto, desacoplado dos fluxos migratórios. (FOERSTER, 2009: 106-107; grifo itálico do autor, grifo sublinhado nosso)

Outras denominações pentecostais com redes de igrejas nacionalmente estabelecidas e que surgiram em grandes metrópoles, como a IPDA, IURD e IEQ, ainda que cheguem a outros estados por intermédio de missionários e pastores enviados por suas respectivas lideranças, e não por intermédio de leigos, ainda assim acabam produzindo migrantes, que terão de adequar-se às condições de vida e de cultura local de sua nova residência. A IEQ espalhou-se a partir da capital paulista principalmente para o interior de São Paulo e para os Estados de Minas Gerais e Paraná. A IPDA, outra igreja paulistana, concentra-se principalmente na metade-sul do país, em especial nas terras do sudeste, aparecendo de maneira esparsa em outros locais do país. Já a carioca IURD destaca-se nas capitais de estado e respectivas regiões metropolitanas (JACOB et.ali, 2003).

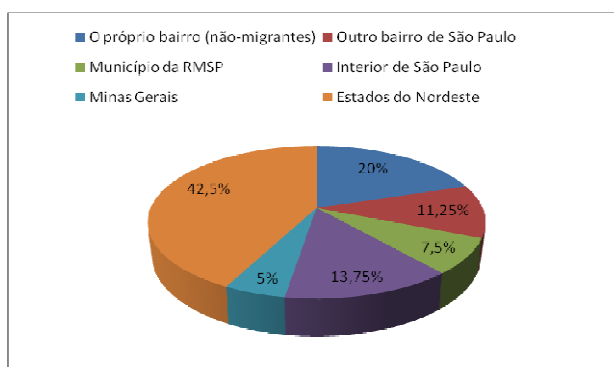
Pentecostais e Migração em Perus

Para tratar da relação entre migração e pentecostalismo no bairro de Perus, aplicamos 80 questionários a membros de diferentes igrejas pentecostais do bairro. Assim, conseguimos detectar migrantes oriundos de outros estados e também de outras localidades da RMSP. 80% dos respondentes já passaram por algum tipo de experiência migratória, seja interestadual, seja intra-municipal, conforme percebemos a partir de seu local de nascimento.

Dos 20% que nasceram em Perus, 62,5% são filhos de pelo menos um migrante, enquanto 37,5% tiveram pai e mãe nascidos no município de São Paulo, no entanto, deste último grupo (cuja família está na segunda geração em Perus), nenhum respondente é morador do Recanto.

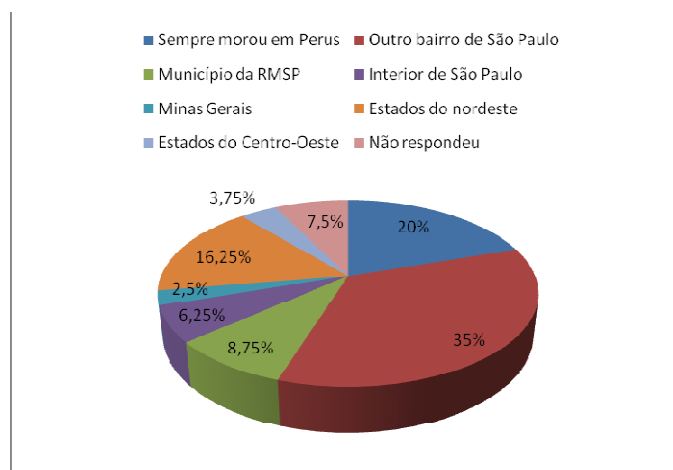
O gráfico 1 apresenta a evidente presença de nordestinos entre os moradores do bairro. Grande parte destes nordestinos, no entanto, não teve Perus como sua primeira moradia em São Paulo, o mesmo acontecendo com moradores provenientes do interior do Estado e de Minas Gérias, como fica claro no gráfico 2, que apresenta as respostas para a Pergunta: *Antes de morar em Perus, em que cidade e estado você morava? (Caso tenha morado em outro bairro da cidade de São Paulo, diga qual bairro)*. O fluxo migratório intra-urbano se apresenta neste caso como uma *reacomodação* de uma população que já participou de correntes migratórias de maiores distâncias.

Gráfico 1 – Local de nascimento dos pentecostais peruenses



Fonte: Aplicação de questionários (pesquisa de campo)

Gráfico 2 – Moradia anterior dos pentecostais



Fonte: Aplicação de questionários (pesquisa de campo)

Entre os pentecostais migrantes entrevistados, a maioria (84,12%) tornou-se pentecostal apenas após chegar ao bairro, enquanto 15,88% já pertenciam a alguma denominação pentecostal antes de mudar-se para Perus. Desta forma, na maior parte dos casos, a experiência da conversão ao pentecostalismo toma forma durante ou após o processo de instalação do migrante na periferia metropolitana, o que ressalta o papel do pentecostalismo como rede social de apoio no estabelecimento de migrantes na periferia metropolitana, como veremos na próxima seção.

Redes sociais de apoio entre migrantes pentecostais

A passagem do migrante do mundo rural para o urbano apresenta-lhe uma série de readequações em suas relações pessoais. No mundo rural, o núcleo familiar tem importância central na vida e na estrutura de trabalho do pequeno produtor. Neste sentido, ao tomar a decisão de mudar-se para um grande centro urbano, é comum que o migrante conte com o apoio de um parente que mudou-se primeiro e que poderá indicarlhe um emprego e um lugar para morar. São poucos os migrantes que chegam à cidade sem nenhum contato previamente estabelecido. (DURHAN, 1978). Assim, a primeira

rede de contatos do migrante é baseada em vínculos estabelecidos previamente, com base na estrutura familiar e rural.

O fator religião também pode estar presente nesta primeira rede de contatos na metrópole, no entanto, nos casos que acompanhei, a filiação religiosa está atrelada ao universo familiar do migrante. Um exemplo é o de Judite, migrante cearense e pentecostal que chegou a Perus na companhia de seus irmãos na década de 1970. Quando se instalou no bairro, estabeleceu vínculos com membros da Assembléia de Deus local, porém, tal contato foi intermediado por parentes seus que já moravam em Perus e faziam parte da mesma igreja. Situação semelhante foi vivenciada por Sueli⁴, uma respondente do questionário de pesquisa, moradora de Perus há menos de um ano e membro da igreja *Sete Palavras da Cruz* e que em seu estado de origem pertencia à *AD Filadélfia*. A escolha pela igreja *Sete Palavras da Cruz* deveu-se à intermediação de uma tia, responsável por apresentar o bairro à família e que congregava nesta igreja, localizada no Recanto. Nos dois casos a presença religiosa na vida do migrante estava atrelada ao seu universo familiar. Quando o migrante pentecostal chega ao bairro sem ter um parente membro de alguma igreja, é normal que procure fazer parte da mesma denominação a que pertencia em seu local de origem.

No caso de Judite, a mudança do Ceará só foi autorizada por seu pai após a intervenção do pastor, que incentivou à migração dela e de seus irmãos, apesar de já terem parentes morando em São Paulo. No entanto, o pastor advertiu que quando chegassem à São Paulo procurassem uma Assembléia de Deus, para que congregassem. Creuza, irmã de Judite, conta que quando chegou a Perus, em 1975, encontrou “*uma enxurrada de migrantes do Nordeste na igreja*”. Nesta mesma igreja congregava também o dono da pensão que hospedara o grupo em seus primeiros anos de moradia em São Paulo.

Com a participação nos cultos, Judite e Creuza se depararam com pessoas cujas histórias eram semelhantes as suas e assim criaram-se elos entre conterrâneos. A identificação com pessoas originárias da mesma região ou estado da federação é importante na afirmação da identidade do migrante, em especial dos nordestinos, muitas vezes generalizados pejorativamente pelos apelidos de *paraibas* ou *baianos*, termos que

⁴ Nome fictício

desprezam as especificidades das diferentes regiões do nordeste. (CARNEIRO e SANT'ANNA, 2009).

A busca dos pentecostais recém-chegados por uma igreja que seja da mesma denominação frequentada na localidade de origem é uma de suas primeiras preocupações. A certeza de encontrar em seu destino pessoas que professem a mesma fé, da mesma forma que o convívio com conterrâneos,

reforça o sentimento que têm de sua proximidade social, de sua solidariedade e de seu investido pertencimento a uma mesma relação comunitária. Relação comunitária no sentido de que as relações sociais estabelecidas entre eles são baseadas na crença subjetiva de uma afinidade comum e na consciência em algum sentido e em alguma abrangência do pertencimento a um grupo social específico. (CARNEIRO e SANT'ANNA, 2009: 358)

Apesar da preocupação dos autores na citação acima não ser a pertença religiosa dos migrantes, mas sua conterraneidade, acreditamos que ao encontrar “irmãos da mesma fé” na metrópole, o migrante também se depare com este sentimento de pertença comum.

O relato do pastor Benjamin Felipe Rodrigues sobre a fundação da igreja Assembléia de Deus no bairro, publicado por mais de uma vez no Jornal oficial da denominação, *O Arado*, relaciona o estabelecimento da igreja à contínua chegada de famílias de migrantes, a maioria já pentecostal, principalmente da cidade de Garça/SP:

Vindo o saudoso irmão Manoel Morales para o bairro de Perus pregando o Evangelho,(apesar de analfabeto, a Palavra de Deus não está na cabeça, mas no coração), para o seu cunhado Benedito Toledo. Este se entregou para Jesus, e de imediato, ofereceu um pequeno cômodo de sua residência para que ali fossem realizados cultos. Acabou mudando-se para Perus. Oriundo de Garça/SP, o saudoso irmão Benedito Justino e família, seus filhos eram pequenos. [...].

Mudou-se para Perus, tempos depois, oriundo de Garça/SP também, o saudoso irmão José Ferreira e família, com os filhos bem pequenos. [...] Agora sim, os irmãos não cabiam nos salões, tanto as famílias, como os novos convertidos. Foi aí que traçaram um plano em alugar um salão maior e oficializar o trabalho da Assembléia de Deus nesta localidade, à época mais parecida com um sítio que bairro da capital paulistana, e a sobrevivência vinha da fábrica de cimento

e com a minha presença estabeleceu-se [sic], oficialmente, os cultos semanais (RODRIGUES, 1999)

De acordo com os relatos de Rodrigues, os migrantes pentecostais que chegavam a Perus nas décadas de 40 e 50 já dispunham de contatos entre seus familiares e companheiros de denominação religiosa que já residiam no bairro. O número de famílias oriundas da mesma cidade, Garça, mostra como a associabilidade entre os migrantes pentecostais possibilitou a criação de uma rede religiosa de apoio capaz de lhes oferecer condições para o estabelecimento no bairro.

Redes pentecostais, migração e mudança de religião

Apesar da importância das redes religiosas durante o deslocamento de pentecostais, a maioria dos fiéis que passaram pela experiência da migração em Perus não era pentecostal em sua cidade de origem. Entre os migrantes que responderam ao nosso questionário, apenas 16,1% eram pentecostais antes de se mudarem para o bairro, enquanto 83,9% mudaram de religião apenas após instalarem-se no distrito. Tal padrão não é exclusivo do bairro de Perus:

em geral, os nordestinos no Nordeste são católicos, enquanto no Sudeste tendem a se tornar evangélicos. Isso significa que algo deve ter ocorrido nesse processo de deslocamento espacial. Se a explicação teórica já não é satisfatória, o fenômeno permanece: a migração incide sobre a mudança religiosa (ALMEIDA, 2004:21)

O deslocamento migratório move atores sociais entre universos distintos. Na metrópole o migrante se depara com visões de mundo, práticas e valores sociais diferenciados. Tantas mudanças atingem também sua vida religiosa. Shoji (2008) observou o comportamento de japoneses radicados no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial e que se adaptavam à cultura e ao ambiente social brasileiro deixando suas religiões ancestrais e convertendo-se ao catolicismo, recebendo assim melhor aceitação social em tempos de rejeição aos japoneses. No mesmo artigo, o autor observa como no

decorrer de poucos anos a rede religiosa católica-japonesa cresceu entre integrantes das mesmas famílias nipônicas.

Diversos migrantes indígenas do Perú se tornam membros da IPDA após se mudarem para as cidades litorâneas do país. Barrera Rivera (2009) observou como as similaridades lingüísticas entre o espanhol do indígena e o “portunhol” dos pastores da IPDA, bem como a simplicidade do discurso pregado tornam-se atrativos que facilitam a acomodação do migrante no ambiente urbano. Já em São Francisco (EUA), Stark (2006) acompanhou o desenvolvimento de uma comunidade de “moonies⁵” e concluiu que a adesão à Igreja da Unificação acontecia pela criação de vínculos interpessoais de migrantes que viviam longe de sua família com membros do grupo. Todos os entrevistados da pesquisa de Stark declararam que se tornaram participantes do movimento pelo interesse na doutrina pregada, embora na prática cotidiana a relação interpessoal fosse o motivo predominante para a aproximação ao grupo. Fenômeno semelhante foi observado no estabelecimento da igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil entre imigrantes estadunidenses, já que

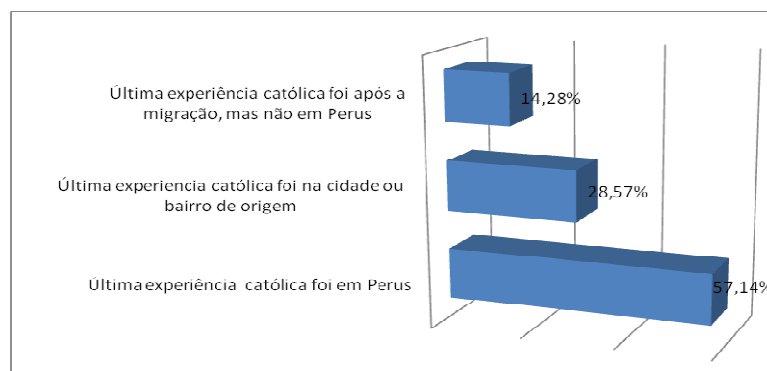
o sujeito imigrante deslocado das relações de parentesco se torna mais vulnerável à adesão de movimentos religiosos que permitam um estreitamento dos laços. Assim, a conversão é uma oportunidade de construir novos laços (SCHUNEMANN, 2009: 166)

O contexto social da periferia urbana, que propicia o desenvolvimento das redes sociais pentecostais, torna-se um atrativo para a atração do migrante. A mudança religiosa do migrante, no entanto, nem sempre é imediata. Na maioria dos casos a mudança para o pentecostalismo aconteceu após a experiência migratória (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Pentecostais ex-católicos migrantes⁶

⁵ Seguidores da *Igreja da Unificação*, grupo religioso nascido em torno do coreano Reverendo Moon, que se apresenta como o Messias do Segundo Advento.

⁶ 26,25% do total de respondentes se declararam migrantes e ex-católicos.



Fonte: Aplicação de questionários

A partir destes dados podemos concluir que a mudança do católico para uma igreja pentecostal não acontece em função de sua *chegada* ao bairro, mas depois de estar estabelecido nele. A conversão acontece a partir das relações sociais estabelecidas na metrópole.

Pentecostais, associativismo e capital social

Como os migrantes que chegam à cidades como São Paulo são “empurrados” para regiões de periferia, onde a precariedade urbana reflete a ausência o Estado, as possibilidades de ascensão social e econômica são muito menores que em outros espaços da cidade. Kaztman e Filgueira (2006) detectam três fontes que podem proporcionar benefícios na promoção de bem-estar aos moradores da cidade: O Estado, o Mercado e a Comunidade. Sem dúvida, o Estado e o Mercado não garantem aos moradores da periferia o bem-estar desejado, cabendo às estruturas criadas pela própria comunidade o acesso de seus moradores à melhores condições de vida, ou pelo menos à amenização dos problemas enfrentados. Tais “estruturas de oportunidade” de acesso ao capital social (naturalmente pequeno nas periferias) baseiam-se em redes de indivíduos articulados em torno do bem comum dos moradores da localidade:

micro contextos urbanos definidos pela segregação espacial tendem a reforçar [...] práticas associativas vinculadas a contextos locais, mostrando-se particularmente sensíveis a mudanças nas configurações locais do capital social (LAVALLE e CASTELLO, 2004:78).

Além das redes familiares e de conterrâneos, o migrante pode ainda fazer parte de associações de bairro ou de outras entidades associativas. Em uma cultura urbana que valoriza a impessoalidade e o individualismo, o vínculo criado entre parentes (no caso da rede familiar), entre pessoas nascidas na mesma localidade ou região (no caso das redes de conterrâneos) ou entre indivíduos com interesses comuns (no caso das associações de bairros), o associativismo, formal ou informal, se transforma em uma forma de aquisição de capital social.

A atividade associativa observada com maior frequência nas áreas de periferias urbanas é o associativismo religioso (AVRITZER, 2004; NORONHA, 2010). O morador da periferia encontra nos templos evangélicos um caminho para a atenuação das carências oriundas da vulnerabilidade social a que está submetido.

As redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando aumento de auto-estima e impulso empreendedor no indivíduo, mas também fomentam a ajuda mútua por meio de laços de confiança e fidelidade. Nos templos há circuitos de trocas que envolvem dinheiro, alimentos, utensílios, informações, recomendações de trabalho etc. (ALMEIDA e D'ANDRÉA, 2004:103)

Porém, na maioria dos casos, os pentecostais demonstram estar ligados apenas ao associativismo religioso, não sendo muito comum a sua participação em outros tipos de associação. Na observação de campo encontrei apenas alguns pentecostais que participavam de cursos em entidades associativas do bairro ou projetos assistenciais da prefeitura.

Apesar da forte coesão interna que garante seu crescimento em regiões de grande vulnerabilidade social, as igrejas pentecostais pouco se abrem a conexões com outras formas associativas. Assim, a coesão interna enfraquece os vínculos externos, ao mesmo tempo em que o afastamento externo fortalece a conexão interior. Tal idéia aparece nos estudos de Granovetter (1973) que originaram a teoria dos “laços fracos” (*weak ties*). O autor classifica os vínculos de interação social como laços fracos ou fortes. Os laços fortes dizem respeito a relações mais profundas e duradouras, como a rede familiar ou entre amigos muito próximos. Em redes de laços fortes, o indivíduo dificilmente terá acesso a uma informação que lhe traga benefícios individuais, já que

nestes círculos o grau de homogeneidade dos participantes é bastante elevado, fazendo com que as informações que possuam em função de sua participação no grupo sejam quase sempre as mesmas que os outros indivíduos possuem. Os laços fracos se caracterizam por relações sociais menos densas e nem sempre contínuas. Sua vantagem está no fato de colocar o indivíduo em contato com atores sociais de outros contextos que sejam detentores de informações diferentes daquelas que detêm em seu círculo íntimo, trazendo-lhes vantagens individuais. Granovetter chegou a esta conclusão ao realizar um trabalho etnográfico onde observou que apenas uma pequena parte de seus entrevistados conseguiu um emprego por indicação de alguém de seu círculo familiar. A busca de recursos individuais baseia-se principalmente na ponte com outros grupos, firmada através dos laços fracos.

Ao fazer parte de uma igreja pentecostal, o neo-converso insere-se em uma “comunidade de irmãos”, onde o princípio de “ajudar primeiramente aos *domésticos* da fé⁷” faz parte da prática cotidiana dos fiéis, materializando-se em benefícios pessoais através da

circulação de benefícios materiais, afetivos e cívicos como ajuda mútua, empréstimos de dinheiro, cuidado dos filhos de mães que trabalham fora de casa, informações sobre emprego, solidariedade em situações de doença, etc. (MESQUITA, 2009: 93)

Como exemplo, em um dos cultos que participei durante a pesquisa de campo em uma igreja pentecostal, o pastor levantou voluntários que pudessem doar sangue para um membro da igreja que estava internado. Mais de 20 pessoas prontamente se manifestaram. Este é um exemplo de associativismo religioso formal, oficialmente promovido pela instituição religiosa. No entanto, muitas das atividades associativas pentecostais não acontecem no espaço de culto, podendo nascer da amizade criada entre participantes das mesmas micro-redes pentecostais.

Chamo de micro-redes pentecostais as atividades realizadas em departamentos de jovens, senhoras⁸, adolescentes, casais e crianças, cujas atividades conjuntas, como a

⁷ Expressão bíblica do livro de Tiago, bastante usada pelos pentecostais em sua justificativa de socorrer primeiro aos membros de sua igreja local.

⁸ Nas ADs o grupo de senhoras costuma receber o nome de *Círculo de Oração*. Na IEQ, tais micro-redes recebem o nome de Grupos Missionários (de homens, mulheres, jovens, etc...)

execução de cânticos ou ainda a promoção de atividades extra-templo como passeios ou evangelismo promovem momentos de interatividade entre seus participantes além dos momentos de culto. Outra destas atividade que permite a criação de micro-redes consiste na Escola Bíblica Dominical, atividade matinal presente em grande parte das igrejas pentecostais, onde são realizados estudos bíblicos em grupos menores, normalmente organizados de acordo com a faixa etária dos participantes. É também prática comum em diversas igrejas a realização de cultos domésticos ou reuniões de oração nas casas de seus membros, atividade que permite a aproximação de familiares não-evangélicos com o ambiente pentecostal.

São em espaços e momentos como estes que os fiéis comentam com outros suas necessidades financeiras, materiais e trabalhistas, criando a possibilidade da ajuda mútua. Em pesquisa de campo entre membros da Congregação Cristã do Brasil na periferia de São Bernardo do Campo, Foerster (2009:77) observou que

as conversas informais, antes e depois do culto, no pátio da Casa de Oração, ou nos fundos, com o porteiro, assim como em ocasiões como ensaios de música, mutirões, encontros de jovens, e menores e visitas, são as oportunidades nas quais se efetuam os circuitos de troca. Somente um conceito de associativismo religioso que não restringe este a associações formalizadas, é capaz de levantar estes circuitos de troca.

Um espaço de interatividade que nos chamou bastante a atenção são as orquestras e bandas. Igrejas como a CCB têm uma tradição musical fortemente relacionada à criação de orquestras. É comum encontrar adolescentes e jovens que tomam contato com a teoria musical e posterior aprendizado de um instrumento a partir do desejo de tocar na igreja. Nas ADs de médio e grande porte também existem orquestras organizadas com instrumentos de sopro, de corda e percussão⁹. Pequenas igrejas pentecostais também costumam manter conjuntos musicais com bateria, teclado, guitarra e contra-baixo que acompanham os cânticos. Há músicos que, a partir da experiência adquirida no templo, passam a atuar profissionalmente em orquestras sinfônicas municipais e estaduais, como a OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo). Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo vinculada a uma reportagem

⁹ Na CCB não são permitidos instrumentos de percussão.

sobre a participação de músicos evangélicos nestas orquestras, Sérgio Emídio da Silva, responsável pelo departamento musical da AD sede do Ministério de Perus, afirmou que “*é uma honra ter nossos músicos nas orquestras. Só é proibido tocar na noite*”¹⁰, se referindo a boates e casas de shows. A mesma reportagem afirma que a CCB é oficialmente contra a participação de seus músicos em orquestras não-religiosas, embora vários de seus membros participem de tais orquestras. Assim, percebemos como o grau de secularização do discurso religioso, também no que diz respeito às práticas musicais, pode atingir diferentes gradientes entre as práticas pentecostais. Apesar disto, a formação de músicos na periferia, cujos instrumentos são financiados com dinheiro arrecadado pela comunidade da igreja local, apontam para a participação da rede religiosa no desenvolvimento das habilidades individuais destes moradores da periferia.

Referências Bibliográficas:

- ALENCAR, Gedeon. *Assembléias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALMEIDA, Ronaldo de. *Religião na Metrópole Paulista*. Rev. Bras. de Ciências Sociais, São Paulo, vol 19, nº 56, 2004, pp.15-27.
- ALMEIDA, Ronaldo de e D'ANDREA, Tiajuru. *Pobreza e redes sociais em uma favela paulista* in *Novos Estudos*, n.68, p.94-106, 2004.
- AVRITZER, Leonardo (org.). *A participação em São Paulo*, São Paulo, Ed. Unesp, 2004
- BARRERA RIVERA, Dario Paulo. *Pentecostalismo, migração andina e periferia urbana no Peru*. Estudos de Religião, Vol. 23, nº 37. São Bernardo do Campo, dez/2009.
- CARNEIRO, Sandra de Sá; SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel . *As redefinições sociais dos migrantes nordestinos no Rio de Janeiro* in CARNEIRO, Sandra de Sá; SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel (orgs). *Cidade Olhares: olhares e trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009

¹⁰ “Igreja Evangélica é berço de músicos eruditos” Jornal Folha de São Paulo (09.07.2006), disponível em www.folhaonline.com

- CHAVES, Marcelo Antonio. *Da periferia ao centro da(o) capital: perfil dos trabalhadores do primeiro complexo cimenteiro do Brasil. São Paulo: 1925-1945*. Dissertação de mestrado em História: UNICAMP, 2005
- DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: perspectiva, 1978.
- ECONOMIA DAS RELIGIÕES. Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em <http://www4.fgv.br/cps/simulador/site_religioes2/> acesso em 20.jan.2010
- Paulo: um estudo do bairro de Perus*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2011
- FOERSTER, Norbert Hans Christoph. *A Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social no ABC paulista: aspectos de sua tradição e transmissão religiosa – a instituição e os sujeitos*. Tese de doutorado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2009
- FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro* in ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- GRANOVETTER, Mark. *The strength of weak ties* in *American Journal of Sociology*, vol.78, n° 6, 1973, pp. 1.360-80.
- JACOB, Cesar Romero [et alli]. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- KAZTMAN, Ruben; FILGUEIRA, Fernando. *As normas como bem público e privado: reflexões nas fronteiras do enfoque “ativos, vulnerabilidade e estrutura de oportunidades”* In: CUNHA, José Marcos P. da (org.) *Novas Metrôpoles Paulistas: População, Vulnerabilidade e Segregação*. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2006.
- LAVALLE, Adrian G. E CASTELLO, Graziela. *As benesses desse mundo: associativismo religioso e inclusão socioeconômica* in *Novos Estudos*, CEBRAP, n.68, 2004
- RODRIGUES, Benjamin Felipe. *Confira como foi o início do Ministério de Perus* in *Jornal O Arado*, dez/1999

- MESQUITA, Wania. *Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro. A batalha espiritual na ordem violenta na periferia de Campos dos Goytacazes*. Estudos de Religião, Vol. 23, nº 37. São Bernardo do Campo, dez/2009.
- NORONHA, Claudio Pereira. *Religião e capital social na periferia urbana do Grande ABC Paulista: uma análise das redes sociais pentecostais no município de Rio Grande da Serra*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- SCHUNEMAN, Haller. *O papel das imigrações no crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Estudos de Religião, Vol. 23, nº 37. São Bernardo do Campo, dez/2009.
- SDTS/PMSP. *Desigualdade em São Paulo.: o IDH*. São Paulo: SDTS/PMSP, 2002.
- SIQUEIRA, Elcio. *Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus: contribuição para uma história da indústria pioneira do ramo no Brasil (1926-1987)*. Dissertação de Mestrado (História Social): Unesp, Araraquara, 2001
- SHOJI, Rafael. *The failed prophecy of Shinto Nationalism and the Rise of Japanese Brazilian Catholicism*. Japanese Journal of Religious Studies: Japanese Religions in Brazil. Nanzan Institute for Religion and culture. Vol. 35, nº1, pp.13-38, 2008
- STARK, Rodney. *O crescimento do Cristianismo: um sociólogo reconsidera a história*. São Paulo: Paulinas, 2006